RAÇA ENDEMICA

Eu descrevi assim esta raça que tive a oportunidade de observar nesta passagem. Uma raça diferente e indiferente aos costumes que a terra convive nos últimos anos.

Estávamos em uma reunião quando aos poucos foram chegando estes espíritos. Eles eram tão diferentes que até tinham cheiro. Olhando por este lado, os espíritos tem cheiro, eles se separam pelo seu odor. Uns tem cheiros suaves, outros pesados, outros de morte, de cemitério, outros de flores.

O mais incrível que pareça é que a gente sente e isso acaba distinguindo as raças endêmicas espirituais. Nesta escola do mestrado tem muita coisa para aprender, como disse Humahã para Tia Neiva, quando pensares que tudo sabe, ainda terás muito que aprender. A separação do nosso amor entra pela mistura do consciente e nos eleva ao patamar das escolhas.

“Quando Jesus foi desafiado pela legião disseram para que ele ordenasse que entrassem nos corpos dos porcos e assim foi feito. Todos morreram afogados”.

A minha raça estava comigo nesta reunião. A outra foi chegando pelo interesse na conversa. Ao sentarem-se juntos eu fui percebendo e sentindo que eles se mantêm curiosos na expectativa de conhecimento. Só que alguns deles eram tão diferentes que não tinha como esconder. O que mais me chamou atenção foi um homem ruivo que falava alto, escandaloso, como se diz na terra. Ele queria toda atenção para ele.

Apesar de serem considerados apartados da sociedade espiritual se mantiveram elegantes. Não se desviaram da meta. Os demais eram mais cultos e só falavam o que se permitiam falar. Além disso só ouviam e por gestos abstratos se comunicavam pelos olhares. Eu observava o comportamento em cada movimento, sabia que estávamos sendo estudados.

Não disse nada que comprometesse aquela reunião, pois tudo poderia degringolar e virar um escárnio. O conhecimento das eras medievais, da era que exaltamos o Cristo Nosso Senhor, das eras perdidas, tudo isso se comprova pela manifestação do etérico plano. Nós vivemos um dilema existencial, a troca de personalidade. As comunidades, as tribos, a mistificação de tudo que existe. Em cada plano existem grandes concentrações de espíritos se preparando para baixar sobre a terra, encarnar. O reencarne vai ficando mais difícil a ponto de muitos perderem suas identidades. Bilhões de espíritos aguardam a sua hora de se manifestar em um corpo físico. Eu até diria, existe uma fábrica de espíritos, porque não é brincadeira lidar com as colônias.

A maior colônia ainda não desceu para formar sua hierarquia. Esta colônia pertence a nova era. A grande nave que flutuou até últimos anos sobre o plano etérico como um grande laboratório de estudos capacitou muitos espíritos de outras concentrações, que não de Capela, mas de outra origem, a se prepararem para dominar este círculo vital. Será tudo diferente, eu ainda estou tentando encontrar uma oportunidade de conhecer mais. A grande cúpula abrigava milhares de colônias que não sei dizer a totalidade. Os capelinos estão retornando as suas origens. Uns não irão retornar as origens por terem dividas ainda a serem pagas, então, viverão em outra dimensão até chegar o dia de sua redenção ou regeneração.

Voltando para a mesa redonda, nossa, que diferença de comportamento. Eu não interferi, eu falava sobre as raças que viveram e vivem sobre a face terrena. Cada raça trás a sua marca e por ela vive e morre. Nunca se chegou a um ponto de equilíbrio moral, social e espiritual. A dissolução das ideias fanáticas de regionalismo está ficando em um patamar da necessidade de cada espirito. As raças agora descritas em reencarnações das eras remotas estão sobressaindo. Não há mais vergonha em assumir quem é, ou quem são. O grande baú foi aberto.

Eu tive uma aula de respeito e consideração.

Salve Deus!

Adjunto Apurê

An-Selmo Rá

17.09.2020